

Cantídio: um Tapirapé moderno

Em abril de 1965, quando minha esposa e eu descemos de um pequeno avião num campo de aterrissagem, cerca de um quilômetro da Aldeia Nova, um dos primeiros Tapirapé a nos saudar foi Cantídio. Voamos de Brasília no “Spirit of Philadelphia”, pilotado por um missionário do Summer Institute of Linguistics. O avião, de fabricação alemã, foi feito para aterrissar em pequenas pistas e tinha recebido este nome em homenagem aos grupos protestantes da “cidade da paz” que tinham fornecido os fundos para comprá-lo. Nosso piloto, ansioso em chegar antes da chuva vespertina a Macaúba, no rio Araguaia, onde ia pegar um colega que estava trabalhando entre os Karajá, desembarcou rapidamente nossa bagagem. Em dez minutos, retomou o vôo. Permanecemos rodeados por dez ou mais índios Tapirapé e mais de 200 quilos de bagagem. A despeito de minha experiência prévia, eu estava confuso e Cecília, minha esposa, mais ainda, pois esta era sua primeira visita aos Tapirapé. A viagem de uma Brasília do século XX para os índios do Araguaia em uma questão de quatro horas causou-nos considerável choque cultural. Foi Cantídio quem tomou a iniciativa: “Espere”, disse em português, “vou trazer o trator.”

Suas palavras só aumentaram minha confusão. Que diabos queria dizer? Um trator na aldeia Tapirapé? De qualquer forma, acomodamo-nos à sombra de uma árvore para esperar. Em seguida chegaram as Irmãzinhas de Jesus. Disseram que nos esperavam, pois souberam por suas colegas que trabalhavam numa favela no Rio de Janeiro, e que havíamos visto um mês antes, de nossa próxima chegada. Cerca de meia hora mais tarde, chegou o trator puxando uma plataforma-reboque. Cantídio estava na direção e o reboque estava carregado de homens, mulheres e crianças da aldeia. Cantídio levou nossa bagagem no reboque e rodamos triunfal-

mente rumo à aldeia, para a casa das Irmãzinhas de Jesus. No caminho, informaram-nos que o trator pertencia ao padre François, missionário residente, e que havia ensinado Cantídio a dirigi-lo. Contaram que era usado para transportar produtos da roça para a aldeia. Cantídio era um excelente motorista, mas, infelizmente, naquele mesmo dia, a engrenagem do trator enguiçou enquanto estava estacionado num galpão e o veículo ficou parado mais de um mês.

Após tomar café e almoçar com as Irmãzinhas, foi levantada a questão de onde podíamos ficar. Eu havia comprado uma grande barraca, em Brasília. Como fosse muito pesada para o pequeno avião, deixamo-la para ser enviada a Santa Terezinha em um avião comercial (nunca chegou). Não podíamos ficar na *takana* por razões óbvias, e as Irmãzinhas não tinham espaço em sua casa para um casal. Eu estava casado desde 1941, mas esta era a primeira vez que Cecília me acompanhava aos Tapirapé. Eles tinham visto sua fotografia em 1953 e 1957, mas agora ela era o centro das atenções. Estavam ansiosos para encontrar um alojamento para nossa família. Novamente foi Cantídio quem resolveu o problema. Seu cunhado, Chawankatu (também chamado Manero), casado com Antanchowa (a que tinha conhecido como Ampitanya, a filha de Kantuowa e esposa de Kamaiarahó) estava construindo uma casa para onde ainda não se havia mudado. Cantídio levou-me para ver a casa, que já estava com o teto e os esteios prontos. Fomos falar com Chawankatu e Antanchowa que imediatamente nos deram permissão para ficar na casa inacabada. Prometemos pagar-lhes “aluguel”, o que fizemos mais tarde, na forma de bens manufaturados. Cantídio chamou as mulheres para varrer a casa e construiu um jirau para acomodarmos nossos haveres. As chuvas começaram a cair naquela tarde, mas tínhamos um teto sobre nossas cabeças, graças a Cantídio.

Nos primeiros dias tive alguma dificuldade em reconhecer meus amigos Tapirapé, ligando os nomes às pessoas e tentando lembrar quem era quem. Eu os vi durante curtas visitas em 1953 e 1957, mas os conheci melhor em 1939-40. Muitos deles eram crianças então; os rapazolas contavam agora 25 anos, como eu, na época. Quase todos haviam mudado seus nomes Tapirapé e, para aumentar a confusão, muitos usavam nomes brasileiros. De imediato reconheci pessoas, tais como Opromunchwi, Tampiri, Kanchiwanió e outros que conhecera muito bem em 1939-40, mas os chamei pelos nomes que tinham abandonado. À medida que reconhecia pessoas que conhecera crianças (eles ajudavam-me dizendo o nome de seus pais), eu os chamava pelos apelidos infantis, o que ao mesmo tempo lhes causava embaraço e deleite. Tive dificuldade em lembrar-me de Cantídio (agora Ipawungi em Tapirapé) mesmo consultando minhas notas de campo. Encontrei referências a ele nas notas tomadas em 1953, quando

seu nome Tapirapé era Okanchowa, e também em 1957, quando já o chamavam Cantídio, mas minhas notas indicam que naquele tempo era Anawuo. Cada vez que lhe perguntava seu *konomi-wera* (nome ed menino), ria e dizia: "Você sabe porque o escreveu no seu caderno de notas." Falou-me que era órfão, em 1939-40, e que fora criado por Wantanamu. Meus registros diziam que três meninos tinham vivido na maloca de Wantanamu em 1940. Pareceu-me que Cantídio era chamado Toripuku ou Champei e o identifiquei numa foto. Lembro que um menino de aproximadamente 12 ou 13 anos freqüentava nossa casa, era *konomí*, isto é, ainda usava um longo adorno labial sem ostentar a pintura preta de um *churangi*.

Se minha estimativa de sua idade em 1939-40 é correta, Cantídio devia ter de 37 a 38 anos em 1965. Em 1953, estava casado com Tanchowai e, em 1965, já tinha cinco filhos. As notas tomadas por minha esposa dos registros de morte conservados pelas Irmãzinhas indicavam que mais dois filhos do casal tinham morrido, provavelmente na infância. Em 1965, a filha mais velha era Kuchanrawa, uma mocinha de 13 ou 14 anos; e havia duas outras filhas, Choikatu, de aproximadamente quatro anos, e Maranchowa, com cerca de oito meses. Havia dois filhos: Tamora, que estava na idade *churangi* (cerca de 12 ou 13 anos), e Wanakani, com talvez seis anos. Cantídio e sua mulher não era o primeiro casal a quebrar o tabu de ter mais de três filhos vivos. Sua família tampouco era a mais numerosa em 1965. Imanawungo (também chamado José) e sua esposa tinham sete filhos. Embora morando cada casal e seus filhos em casa separada, a família extensa estava por perto. Por exemplo: a casa da família de Cantídio situava-se próxima a do seu irmão mais velho (Okaniwa) e do seu cunhado (Tampiri). Em 1965, muitas casas Tapirapé abrigavam somente uma família nuclear.

Assim que nos instalamos, víamos diariamente Cantídio e os seus. Aprendemos a chamá-lo pelo nome brasileiro tal como as freiras e o padre. Creio que os Tapirapé chamavam-no Cantídio, ao invés de Ipawungi; ao menos em nossa presença. Conversávamos em português, não só porque minha esposa não falava o Tapirapé, senão também porque os meus conhecimentos dessa língua diminuíram com o tempo. Cantídio falava o português fluentemente, embora com erros gramaticais e um vocabulário limitado. Na verdade, a maioria dos homens jovens e de meia idade falava uma espécie de *pidgin* português, quando se dirigia aos *tori* ou aos Karajá. Em minhas longas conversas com Cantídio, freqüentemente misturávamos palavras Tapirapé com o português. Cantídio desempenhou um papel semelhante ao de Kamairahó em 1939-40, no tocante às minhas relações com os Tapirapé. Embora não reivindicasse ser o "capitão" da aldeia, era um homem de considerável prestígio e muitas vezes mencionado como

tal. Tornou-se a figura central para restabelecer as relações com os Tapi-
rapé e meu melhor informante. Em 1939-40, Kamairahó ansiava pelos
artigos manufaturados de que eu dispunha para aumentar seu prestígio;
em 1965, Cantídio, com família numerosa para sustentar, necessitava des-
ses mesmos bens para ajudar sua subsistência.

Desde o princípio, tornou-se óbvio para mim e minha esposa que
necessitávamos de ajuda para realizar as tarefas diárias, se não quisés-
semos gastar todo o nosso tempo procurando lenha, lavando roupa, cozi-
nhando e lavando pratos. Tínhamos contratado um rapaz de Santa Tere-
zinha, Clarindo, um sertanejo analfabeto, mas ele se recusava a fazer cer-
tas tarefas, tais como lavar roupa e carregar água. Cantídio ofereceu a
filha mais velho para realizá-las. Assim, Kuchanrawa tornou-se nossa em-
pregada, por um tempo, recebendo uma diária de 600 cruzeiros (cerca
de um dólar naquela época). No começo, ela trabalhava energeticamente,
lavando as roupas (um tanto mal lavadas) no rio, varrendo a casa (oca-
sionalmente), lavando a louça e carregando água. Semanalmente, Cantídio
vinha com ela receber o salário. O pai insistia que o dinheiro pertencia
à filha. De fato, ela comprou algumas roupas e pediu alguns objetos que
tínhamos trazido para efetuar trocas, ao invés de dinheiro. Contudo, era
óbvio que Cantídio a estava controlando. Ele e a esposa ralhavam com
a moça quando faltava ao trabalho e devem ter usado parte do dinheiro
para comprar farinha de mandioca, então escassa. Kuchanrawa trabalhou
conosco cerca de um mês. Obviamente, não gostava de ficar confinada
a tais obrigações. Disse à minha esposa que jamais casaria. Gostava de
jogar futebol com os rapazes na praça e brincar com as crianças. Con-
tratamos Manova (Cecília em português), para ocupar o seu lugar. Cecília
era uma das sete crianças vivas de Imanawungo. Era mais madura do
que Kuchanrawa, senão na idade, ao menos na maneira de ser. Gostava
de costurar e conversar com minha mulher. Tinha sido fortemente influen-
ciada pelas Irmãzinhas e sabia cantar canções simples em português e
francês. Cantídio lamentou o comportamento da filha, mas nosso bom
relacionamento não foi afetado.

Se me fosse dado descrever Cantídio, em termos puramente ameri-
canos, diria que era "um rapaz que só pensa em fazer dinheiro". Em-
bora analfabeto, conhecia o valor e a diferença da moeda. Em 1953, es-
crevi em meu caderno de notas que Cantídio quis saber o valor de uma
nota de Cr\$ 20,00 (naquela época, cerca de US\$ 0,50). Em 1965, mani-
pulava dinheiro com facilidade e alguma segurança. Tinha aprendido,
por exemplo, que os artefatos indígenas estavam sendo procurados pelos
comerciantes. Obteve um adiantamento de 14.000 cruzeiros por conta
de artefatos a serem entregues a Antônio Pereira Machado, filho do guia
que acompanhou meu colega William Lipkind em 1939. Cantídio traba-

lhava constantemente na *takana* fazendo máscaras de *upé* e pequenos bancos para pagar seu débito e ter um excedente para vender a outros comerciantes. Era um dos poucos homens que sabia trançar cestos no estilo tradicional Tapirapé e possuía vários para vender, os quais decorava com pingentes de penas de arara. Quando os comerciantes chegaram à aldeia, em fins de abril de 1965, Cantídio tinha os artefatos necessários para pagar seu débito e outros mais para negociar. Os comerciantes pagavam cerca de Cr\$ 3.000,00 por um pequeno banco de madeira entalhada, decorado com tinta de urucu e jenipapo; a mesma quantia por um arco cerimonial com flechas e aproximadamente Cr\$ 25.000,00 por uma máscara *upé* bem feita.

Deduzida a dívida, Cantídio efetuou suas compras com os regatões. Adquiriu um par de calções de banho, um corte de tecido para sua mulher fazer uma blusa e uma jaqueta imitando couro e ainda lhe restou uma pequena quantia em dinheiro. Estava a par dos preços cobrados pelas lojas de Santa Terezinha e pelos regatões que chegavam até sua aldeia. Cantídio e Timóteo (Awanao) forneceram-me uma lista de preços para facão de mato, enxada, pequena faca de cozinha, litro de querosene, tesouras, quilo de farinha de mandioca, açúcar, feijão e cartuchos para espingarda calibre 22. Conferi suas estimativas de preços nas pequenas lojas em Santa Terezinha, comprovando sua exatidão. Em 1965, muitos Tapirapé conheciam o valor em dinheiro dos artefatos que manufacturavam, das peles de queixadas e gatos-do-mato que vendiam e dos artigos manufacturados e gêneros alimentícios que compravam.

A casa de Cantídio era uma mistura do estilo tradicional e moderno da região. Havia um quarto no qual a família dormia, uma varanda aberta que servia de cozinha e um lugar para sentar durante o dia. As paredes do quarto eram de taipa e a casa coberta com folhas de palmeira. A família dormia em redes, mas somente uma era feita no estilo tradicional Tapirapé; as outras tinham sido compradas nas canoas dos regatões ou nas lojas de Santa Terezinha. Cantídio possuía uma mala de material imitando couro, na qual guardava suas melhores roupas e objetos de valor. Um dia, abriu-a para mostrar-nos suas miçangas. Entre várias camisas, calças e outras peças de vestuário, tirou um saco plástico contendo mais de 50 cordões de contas de porcelana, que os Tapirapé altamente apreciavam em 1939-40. O pacote devia pesar cerca de três quilos. Em resposta à minha pergunta, estimou o valor das contas em Cr\$ 3.000,00 por cordão. Assim sendo, possuía miçangas no valor de quase 200 dólares, se bem que não pudesse vendê-las a qualquer comerciante. Somente os Tapirapé e alguns Karajá ainda valorizavam as contas de vidro. A cozinha ao ar livre de Cantídio, com seu fogão de várias pedras, tinha utensílios de origem mista: cabaças, folhas de flandres, cerâmica comprada

dos Karajá (os Tapirapé deixaram de manufaturá-la), painéis de ferro, colheres de madeira e metal, recipientes de cabaça e pequenas caixas de "cream-crakers". Havia também um pilão nativo usado para triturar milho e castanhas.

Cantídio possuía uma espingarda calibre 22 e um revólver pequeno, mas sempre lhe faltava munição. Pelo menos dez índios possuíam um rifle calibre 22 e todos arcos e flechas, os quais eram usados principalmente na pesca. Na caça, usavam rifles calibre 22. Cantídio encantou-se com uma espingarda que obteve por empréstimo em Brasília. Pediu-me emprestada várias vezes e sempre a mantinha limpa. Mas parecia ter pouco interesse em adquiri-la, ao saber o preço dos cartuchos. Seu rifle era muito mais barato, tanto a arma quanto a munição. E, conforme acentuou, as balas calibre 22 podiam ser compradas a qualquer regatão, ao passo que cartuchos de espingarda não se encontravam com facilidade.

Frente à casa de Cantídio havia a armação de uma pequena casa inacabada, que serviria para abrigar a máquina de costura. Padre François comprou uma e, por instrução das Irmãzinhas, várias mulheres, incluindo a de Cantídio, tinham aprendido a usá-la. Receando que fosse usada por uma família só, o padre mandou instalá-la em sua própria oficina. Cantídio, com a ajuda de vários outros homens, começou a construir a casa da máquina que, pelo visto, não chegou a ser concluída. A máquina permaneceu no depósito do padre e nunca foi usada por quem quer que fosse, pelo menos durante nossa visita. Tanchowai, a mulher de Cantídio e outras mulheres, contudo, costuravam à mão seus vestidos e os das filhas. Ela ficou encantada quando minha esposa fez um pequeno vestido para seu bebê. Não sabiam, porém, confeccionar calças e calções para homens, dos quais havia grande procura. Uma costureira sertaneja, que vivia perto do posto do SPI, fazia as calças de Cantídio, que eram pagas em dinheiro.

Em 1965, Cantídio nunca apareceu nu; sempre vestia calças e muitas vezes camisa. A maioria dos Tapirapé deixara de usar o estojo peniano e não tinha coragem de andar sem calças. Contudo, os mais velhos, entre os quais Opronunchwi, Kanchiwano e Kuriwa (Julião), ao retornar de suas roças ou de caçadas, ao anoitecer podiam, eventualmente, aparecer nus, com estojo peniano, bem como os pés e barrigas da perna pintados de urucu. Do mesmo modo, na privacidade de suas casas, algumas mulheres mais idosas não usavam roupas, mas a esposa e as filhas de Cantídio estavam sempre vestidas, como quase todas as mulheres mais jovens da aldeia. Seu recato devia-se às visitas, um tanto freqüentes, de brasileiros à aldeia. A lavagem de roupas exigia sabão, que era adquirido em barras. Os Tapirapé tinham poucas mudas de roupa, freqüentemente muito sujas. A família de Cantídio destacava-se entre as mais limpas da aldeia.

De um modo geral, Cantídio era um dos Tapirapé melhor adaptados às novas condições de vida. Disse-me que, após Tampiitawa ter sido abandonada, foi viver no rancho do Sr. Lúcio da Luz, em Porto Velho, no rio Tapirapé. Antes disso, tentou estabelecer-se com várias famílias Tapirapé em Chichutawa, situada mais ao norte do local onde Kamairá se estabelecera. Mas retornou depois de dois dias de caminhada porque um dos seus companheiros enfiara um espinho no pé. Não esteve presente ao ataque Kayapó a Tampiitawa, porque na época acampara na savana com várias famílias. Foi um dos primeiros Tapirapé a mudar para o posto do SPI, quando Valentim Gomes começou a reuni-los na Aldeia Nova. Quando visitei os Tapirapé em 1953. Cantídio já era hábil canoeiro e, em 1965, era capaz de construir uma canoa, embora preferisse comprá-las dos Karajá. Possuía uma boa canoa, que usava ocasionalmente para pescar. Visitei as roças de Cantídio. Estavam localizadas a cerca de duas horas de caminhada da aldeia (seis ou sete quilômetros). Medindo com passadas sua largura e comprimento, estimei em aproximadamente 45.000 metros quadrados a área cultivada. Já estava limpando as capoeiras para cultivo no início das chuvas. Em abril de 1965, suas roças tinham poucos produtos, exceto mandioca, amendoim, algum milho seco e bananas. Durante nossa ida à roça, mostrou-me um caminho pelo qual o trator podia atravessar o campo cerrado até um ponto cerca de meia hora de caminhada das roças. Esperava poder abrir uma estrada, no ano seguinte, para o trator atravessar a floresta até suas roças e, assim, escoar mais facilmente a produção. Construiu um galpão na roça para poder acampar junto com a família por alguns dias. Às vezes acompanhavam-nos Tampiri (Marcos) e os seus, cujas roças ficavam próximas.

Trabalhador e inteligente, Cantídio tinha consciência plena da precária situação dos Tapirapé em relação às terras. Disse que a área pertencia à Companhia de Terra. Sabia que os fazendeiros andaram demarcando e receava que os Tapirapé perdessem toda a região da floresta, onde haviam plantado suas roças. Contou que padre François fizera várias viagens para tentar resolver o problema da terra, mas adiantou que os *tori* continuavam vindo e procuravam “deixar para nós alguns campos que não prestavam para nada”. Falou-me que tinha pouca confiança no SPI. “Eles nada farão por nós.” Salientou, com acerto, que não havia nenhum índio encarregado do posto do SPI. Na verdade, o Sr. José Auce fora transferido e o posto estava entregue a um sertanejo local. Cantídio não conhecia, como outros Tapirapé, cidades grandes, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo assim, achava que as crianças Tapirapé deviam aprender a falar e escrever o português. Por orientação do Padre François, os Tapirapé construíram uma escola. Durante um curto período, um casal jovem de professores viveu na aldeia. Depois que o casal partiu,

o construção passou a ser residência de um carpinteiro que estava edificando a capela. Cantídio tinha consciência dos problemas que seu povo enfrentava devido ao rápido avanço da fronteira da civilização. Embora não fosse reconhecido como o “chefe” da aldeia, era considerado pelos Tapirapé como a pessoa mais indicada a tratar do problema do contato com a sociedade envolvente.

Cantídio era também um tradicionalista interessado nos costumes Tapirapé. Não aprovava os bailes no estilo brasileiro e proibiu a filha de participar neles. Admitiu ter experimentado tomar cachaça em Santa Terezinha, mas achou-a desagradável; criticou Timóteo (Awanao), que disse beber com frequência, e, com a ajuda das Irmãzinhas, tentava eliminar o álcool da aldeia. Vinha sempre à minha casa, em 1965, para ver a coleção de fotografias do período 1939-40.¹²¹ Identificou dançarinos *anchunga* mascarados, xamãs lutando com o trovão e outras cenas. As fotografias estimularam-no a falar e a perguntar sobre o passado. Muitas de suas perguntas eu não soube responder. Uma noite, depois de folhear pela quinta vez as fotografias, contou à minha mulher, detalhes das viagens de Chankanepera, o ancestral do Grupo de Festa do mesmo nome. Em outra ocasião, contou estórias de Mucura, que andou procurando um genro entre vários pássaros e outros animais. Nunca tinha ouvido essas lendas dos Tapirapé. Ocorre que eram quase idênticas às que eu havia anotado, em 1942, entre os índios Tenetehara do Maranhão, também de língua Tupi (Wagley e Galvão, 1949:151-54). Trata-se de relatos com finalidades puramente recreativas. Narram como o Mucura tratou de imitar cada um dos animais, com os quais, sucessivamente, casou sua filha. Num dos episódios, a filha casou com o martim-pescador. Mucura tentou voar como seu genro para pegar peixe, mas quase afogou-se. Em outro, sua filha casou com o gavião e Mucura novamente tratou de imitá-lo, caçando como fazia o genro e despencou, porque lhe faltavam as asas. Mucura tentou uma descida rápida como faz o gavião para capturar a presa, caindo pesadamente no chão. Distraiu-nos com uma série de narrativas desse tipo.

Cantídio também respeitava os tabus alimentares, embora de forma atenuada. Tendo um filho pequeno, abstinha-se de comer carne de veado e outros alimentos. Várias vezes, de volta de uma caçada, trouxe-nos carne de mutum, tradicionalmente vedada a pais e mães de bebês. Comia, no entanto, carne bovina e permitia sua esposa e filha fazê-lo. Argumentava

¹²¹ Essas fotos foram excepcionalmente úteis no trabalho de campo, em 1965. Jovens e velhos vinham vê-las, o que proporcionava uma oportunidade de discorrerem sobre o passado e o presente.

que era comida *tori* e, portanto, isenta dos tabus. Ao contrário de outros índios Tapirapé, não associava a carne bovina com a de veado, eliminando a primeira do sistema de tabus alimentares. Cantídio participou das poucas festas de cantos *kaó* que tiveram lugar em 1965. Não era, contudo, um “líder cantor”; aqueles papéis eram preenchidos por Marcos (Tampiri) e Julião (Karuwa), que comandavam as canções para o Ananchá e Wuranchingió. Embora Cantídio se avocasse o direito de fazer e usar uma máscara de *upé* (o espírito de um inimigo), foi Timóteo (Awanão) quem patrocinou os dançarinos de máscaras de *upé* e proveu o *cauim* para as Associações Pássaros na *takana*. Cantídio desculpou-se dizendo que não tinha mandioca suficiente em suas roças e que “minha família está faminta”.

Em maio de 1965, minha esposa adoeceu com febre alta. Receando que fosse malária (não foi), convenci-a a viajar para Brasília, a fim de receber cuidados médicos. Foi muito presenteada por Cantídio e sua mulher. Exatamente dez dias depois, quando viajei a Santa Terezinha para tomar o DC-3 comercial que ali aterrissava toda semana, na rota para Goiânia e Brasília, Cantídio e Marcos me acompanharam. Carregaram minha bagagem para o aeroporto e esperaram uma manhã inteira até o avião chegar. Ambos pediram-me que voltasse logo que possível. Desde então, tenho recebido poucas informações de Cantídio através de cartas das Irmãzinhas de Jesus, de Judith Shapiro, que retornou para breve visita em 1974, e de uma fita gravada que um estudante entregou-me em 1976. Em sua última carta, datada de 30 de dezembro de 1975, as Irmãzinhas escreveram que os Tapirapé dispõem agora de uma escola onde leciona um jovem casal brasileiro. Segundo relatórios da Funai, 42 estudantes estão matriculados nessa escola e os professores estão tentando ensiná-los a ler e escrever em Tapirapé e em português. As Irmãzinhas disseram que “homens e mulheres jovens estão estudando. Dos mais velhos que têm tentado estudar, somente Cantídio tem perseverado”. Estou certo de que Cantídio deve ter estado entre representantes Tapirapé presentes ao encontro de chefes indígenas em Mato Grosso, em 1975, e em 1976, em uma missão de chefes Tapirapé que esteve em Brasília para defender a alocação de terras adicionais aos Tapirapé, junto ao presidente da Funai (comunicação pessoal de Judith Lisansky). Parece-me que de todos os Tapirapé que conheci em 1965, Cantídio tinha visão mais clara dos problemas contemporâneos de seu povo e o maior empenho em ajudar a resolvê-los.